

Léxico da pandemia na mídia jornalística e redes sociais: uma discussão sobre o uso de neologismos e estrangeirismos em português e inglês

Lexicon of the pandemic in the journalistic media and social networks: a discussion on the use of neologisms and loanwords in Portuguese and English

Melissa Alves Baffi Bonvino*

Ana Luiza Cecato**

RESUMO: entre todos os impactos causados globalmente pela pandemia de COVID-19, tornaram-se evidentes as transformações sofridas pelo léxico de diversas línguas. No português do Brasil, as principais alterações podem ser observadas principalmente na criação de novas palavras e na difusão de palavras em língua inglesa utilizadas em textos jornalísticos e em redes sociais. Este estudo, de natureza qualitativa descritiva e de cunho exploratório, busca discutir a utilização do léxico procedente do contexto da pandemia em textos veiculados nas mídias jornalísticas e sociais, em português e inglês, tendo por foco quatro itens lexicais dentre os trinta neologismos e estrangeirismos levantados para esta pesquisa. A discussão aponta para o processo de inovação lexical, que ocorre motivada pela relação entre léxico, cultura e fatores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: léxico; neologismos; estrangeirismos; inovação lexical.

ABSTRACT: considering the impacts caused by the COVID-19 pandemic, the transformations undergone by the lexicon of several languages became evident. In Brazilian Portuguese, the main changes can be mainly observed in the creation of new words and the diffusion of words in English used in journalistic texts and social media. This study, of descriptive, qualitative, and exploratory nature, aims to discuss the use of the lexicon from the pandemic context in texts published in journalistic and social media, in Portuguese and English, focusing on four lexical items among the thirty neologisms and loanwords selected for this research. The discussion points to the process of lexical innovation, which occurs motivated by the relation between lexicon, culture, and social factors.

KEYWORDS: lexicon; neologisms; loanwords; lexical innovation.

* Docente do Departamento de Letras Modernas da UNESP, campus de São José do Rio Preto, e doutora em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. E-mail: melissa.baffi@unesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3559-856X>.

** Aluna de graduação em Bacharelado em Letras – Tradução na UNESP, campus de São José do Rio Preto, e bolsista PIBIC/UNESP em nível de Iniciação Científica. E-mail: ana.cecato@unesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8330-1313>.

1 Introdução

Ao final do ano de 2019, a população mundial passava a enfrentar os desafios impostos pela pandemia de COVID-19, uma crise sanitária que conferiu à humanidade profundos impactos sociais, econômicos e culturais. Mudanças perceptíveis também no nível linguístico, sendo a língua um sistema complexo e dinâmico, suscetível a constantes transformações e pressões externas, a medida em que se desenvolve para suprir necessidades comunicativas, segundo os pressupostos da sociolinguística (LABOV, 1972), permeabilidade visível principalmente no âmbito lexical.

Igualmente, o léxico de uma língua se modifica constantemente (BIDERMAN, 1978; BORBA, 2006; HENRIQUES, 2018) e é passível de alterações oriundas de fatores extralinguísticos, em um dinamismo que reflete o espaço, o tempo e a sociedade em que se insere. De acordo com Biderman (1978),

o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 1978, p.139)

Palavras novas surgem por conta de novas situações, seja pela criação efetiva de novos itens lexicais ou a partir da adaptação de unidades existentes, é possível afirmar que a maneira como uma sociedade percebe e utiliza sua língua para delinear o mundo (LARA, 2006) é também refletida pelo léxico. Tal percepção pode variar com o tempo e ocorrer em determinadas palavras, sendo que a validade do léxico, nas palavras do autor e entendida como a base para sua legitimidade e reconhecimento, depende de uma comunidade linguística, já que as normas sociais relacionadas ao léxico não são da mesma classe das normas linguísticas que versam sobre o restante do sistema linguístico. Cada palavra “remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre” (HENRIQUES, 2018, p. 13), atrelada ao uso social e

cultural, político e institucional, para além de sua realização fonética, dos morfemas que a compõem, de sua distribuição sintagmática.

O léxico pode se caracterizar como produtor de identidades e ideologias por ser um elemento diferenciador de comunidades, no uso e na escolha de vocabulários entre os indivíduos que as constituem, gerando um efeito ideológico, que, segundo Lara (2006), refere-se a uma necessidade de articular atitudes para um determinado fim, seja com intenções de defesa de valores identitários ou com a necessidade de quebrar uma moral social. Independentemente da ideologia ou intenção, é no léxico que esses valores se apresentam e permitem que uma determinada comunidade se expresse sobre seu mundo.

Nesse cenário de produção de identidades e ideologias, destaca-se o papel fundamental exercido pelos meios jornalísticos que, com grande alcance e velocidade na distribuição de informações, se tornam fonte de novos itens lexicais (BORBA, 2006). É possível constatar que a mídia jornalística, em seus assuntos e gêneros variados, e até a mídia social da atualidade, podem ser consideradas mecanismos de atualização social e lexical, devido ao grande número de diferentes tipos de intervenções oriundas de diversos indivíduos e contextos sociais, fato que pode contribuir para a ampliação do léxico comum presente em mídias escritas.

Diante da realidade imposta pela COVID-19, seja durante a pandemia ou no período em que a situação passa a ser controlada pela possibilidade de vacinação contra a doença, são concretas as modificações em quase todos os contextos da vida humana. Do mesmo modo, são evidentes as alterações no léxico de várias línguas, principalmente no que diz respeito à criação de novos itens lexicais, o que permite a observação de fenômenos neológicos no português do Brasil, principalmente por meio de textos veiculados na mídia.

É nesse âmbito que se insere este estudo, de natureza qualitativa, que tem por objetivo discutir a utilização do léxico procedente da pandemia, utilizado em textos jornalísticos e mídias sociais. A partir dos conceitos de léxico (BIDERMAN, 1978, 1996), da relação entre léxico e cultura (HENRIQUES, 2018) e sua ocorrência no âmbito jornalístico (BORBA, 2006), da concepção de neologia (ALVES, 2001; CORREIA; ALMEIDA, 2012) e estrangeirismos (LARA, 2006; PRADO, 2015), buscamos analisar o uso de neologismos e estrangeirismos

relacionados à pandemia, em português e inglês. A discussão sobre o léxico pandêmico se dá por meio da caracterização, classificação e utilização desses itens em mídias como *The Guardian*, *The New York Times*, Notícias O Globo, Notícias G1, CNN Brasil, BBC e Folha de S. Paulo, assim como nas redes sociais Twitter, Facebook e Instagram. Vale ressaltar que os itens lexicais encontrados não estão exclusivamente ligados à doença COVID-19, mas sim ao contexto relacionado à pandemia como, por exemplo, os itens *Coronababies*, *covidivoces*, “teletrabalho”, “vachina”, *quaranteens*, *covidiot*s, *home office*, entre outros.

Os resultados indicam, a partir da listagem de 30 unidades lexicais, o surgimento de neologismos e estrangeirismos derivados da pandemia, assim como a adaptação de itens lexicais existentes nos textos midiáticos, como é o caso dos itens “covidiota”, *lockdown*, “teletrabalho” e *home office*, que constituem o recorte analisado neste estudo. A análise revela, nesse contexto, um processo de inovação lexical, de acordo com Correia e Almeida (2012), que parece ocorrer motivada pela relação entre léxico, cultura e fatores sociais.

A organização deste artigo está dividida em dois momentos. O primeiro apresenta o levantamento de estudos que embasam a pesquisa, partindo-se da noção do léxico e a relação entre léxico, cultura e sociedade. Considerando-se que a pandemia da COVID-19 motivou alterações no léxico de várias línguas de maneira evidente, principalmente no que diz respeito à criação de novas palavras, destacam-se os pressupostos teóricos referentes a neologismos e estrangeirismos, com enfoque no processo de inovação lexical na mídia jornalística e social, considerando seu papel importante no contexto da pandemia de COVID-19. No segundo, apresentamos a metodologia da pesquisa, seguida da discussão dos dados e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 O tripé léxico, cultura e sociedade

Em uma concepção amplamente adotada na literatura da área, o léxico é definido como o “conjunto das palavras de uma língua” (HENRIQUES, 2018, p. 13). É o lugar de estocagem da significação e de conteúdos significantes da linguagem humana, segundo Biderman (1996), constituindo um agrupamento

virtual de palavras, tal qual um acervo que envolve as regras e os processos de construção de palavras possíveis da língua” (CORREIA, 2011). De maneira concreta, é possível afirmar que o léxico corresponde às palavras utilizadas em uma determinada língua.

É do léxico de uma língua que a sociedade se utiliza para constituir uma forma de registrar e nomear sua realidade e para registrar a visão de mundo, a realidade histórica e cultural, bem como as diversas fases da vida social de uma comunidade linguística, segundo Ferraz (2006). Desse modo, reitera-se que o léxico, conforme afirma Borba (2006), corresponde a um conjunto de representações da realidade.

Destaca-se, assim, a importância da Lexicologia que, ao buscar estudar e definir as unidades lexicais (NUNES, 2006), analisa cientificamente o acervo abstrato dessas unidades e categoriza as palavras disponíveis em uma língua seguindo critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos, dada a necessidade de se entender os significados que as palavras veiculam. Portanto, são considerados os aspectos que dizem respeito às unidades que constituem o léxico, desde a origem e as características sintáticas, morfológicas e semânticas das palavras até as relações criadas e os meios que permitem a formação de novos itens lexicais.

Ressalta-se que, neste estudo, a noção de palavra é entendida como um termo da língua comum e pouco rigoroso para o uso técnico da Lexicologia, conforme aponta Biderman (1984). Para Lara (2006), as palavras se convertem facilmente em símbolos sociais, transcendendo sua natureza de signos linguísticos e representando concepções, valores e até tabus, tendo em consideração que o léxico, contexto social e cultura se influenciam mutuamente. Por assumir uma concepção bastante ampla, as palavras podem ser designadas como lexias, unidades de organização enunciativa interdependentes, o que implica dizer que o enunciado é formado a partir de combinações intencionais de lexias, segundo Henriques (2018).

Assim, é possível afirmar, segundo Biderman (2001), que o conjunto de lexias registradas na obra de um autor, por exemplo, equivale ao vocabulário e o léxico corresponde ao acervo dos lexemas, unidades lexicais abstratas de uma língua. Em atos de fala frequentes e normatizados, um vocábulo corresponde ao

lexema ou à palavra, e as lexias equivalem aos verbetes dos dicionários de língua, com diferentes significados, correlacionados pelo núcleo sêmico. Assim, no discurso, a lexia em texto pode ser entendida por palavra.

O conceito de palavra remete a unidades de significados que carregam significações relacionadas ao período histórico ou à área geográfica em que ocorrem, bem como “à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional” (HENRIQUES, 2018, p. 13). Uma palavra ou combinações de palavras correspondem ao que se entende por item lexical, que pode ser definido como o conjunto de traços fonológicos, semânticos e formais, relacionados a categorias e, conforme Chomsky (1995), lido no sentido da derivação.

Nesse grande bloco de representações que é o léxico, existem as “palavras lexicais, que fazem a conexão entre o sistema e o mundo dos objetos, traduzindo-o ou representando-o em termos linguísticos” (BORBA, 2006, p.82). A unidade lexical ou palavra, como unidade ortográfica, exerce a função de item lexical a partir da idiomatidade, convenção social e funcionamento como unidade mínima nas construções gramaticais, compreendendo-se que, segundo Borba (2006), as pesquisas que envolvem o léxico se associam à sintaxe que padroniza as relações internas e constitui a forma da língua. Assim, os itens lexicais, unidades mínimas do léxico, correspondem às palavras ou grupos de palavras do léxico de uma língua.

Considerando-se que o sistema lexical de uma língua é, sobretudo, segundo Biderman (2001), reflete-se no léxico o resultado das experiências somadas por uma sociedade e o repositório de uma cultura e, portanto, o universo concreto e abstrato dos falantes de uma língua. Desse modo, a língua estabelece uma ligação entre sociedade e mundo, podendo retratar toda a cultura de um povo especialmente por meio do léxico que, em constante expansão, torna possível seguir as transformações surgidas na sociedade.

O léxico é, de acordo com Borba (2006), uma fisionomização da cultura, pelo fato de representá-la, consolidá-la e difundir-la, sendo, em vista disso, parte da cultura e reflexo de dados culturais. O léxico é responsável por carregar história, segundo Nunes (2006), transformando a língua constantemente, como consequência. Cada sociedade vive um contexto social, cultural e histórico,

possibilitando grandes diferenças nas formas de expressar ideias, conceitos e significações por meio do léxico de uma língua, representando o mundo em “uma interpretação *sui-generis* da realidade extralinguística”, segundo Borba (2006, p. 83). Para o autor,

se o modo de viver, os hábitos resultam de reações visuais, auditivas, emocionais e outras, então a nomenclatura estará sempre ligada à realidade circundante, no caso, realidade física, mundo físico. É por isso que se diz que o léxico caracteriza a cultura. (BORBA, 2006, p. 84).

Assim, com a constante reorganização da realidade, evidencia-se a cunhagem de novas palavras ou a incorporação de palavras já presentes na língua ou então de palavras de outras línguas que se cruzam, segundo Borba (2006). Nesse sentido, o autor afirma que a língua portuguesa foi construída a partir da constante mudança de realidade, com tupinismos e africanismos intrínsecos à história de nossa língua.

O funcionamento e a inserção do léxico em um contexto histórico, entendido como a maneira com a qual o léxico estabelece relações com a língua e com a realidade, têm grande importância no estudo e análise lexical (NUNES, 2006), estando as mudanças no léxico atreladas às transformações dos estados discursivos em determinadas circunstâncias. Tal caráter de dinamicidade afeta a permanência de novos itens lexicais e sua inserção no sistema linguístico e permite que a cultura permeie o léxico. E há ainda que se considerar, segundo Borba (2006), que um item pode perdurar ou desaparecer aos poucos, o que corrobora a ideia de que a cultura se constitui como um fator bastante influente nas modificações que ocorrem no léxico.

Nesse sentido, considerando-se que “enquanto houver sociedade e história, sempre haverá outras palavras a identificar, descrever e dicionarizar”, segundo Nunes (2006, p. 165), é possível compreender os diversos mecanismos de mudança lexicais, que decorre de transformações socioeconômicas e culturais, uma vez que conforme a perspectiva saussuriana, se devem à coletividade dos indivíduos as inovações no léxico.

3 Neologismos, estrangeirismos e inovação lexical na mídia

As relações entre léxico, cultura e sociedade são intensas. O léxico, assim como a língua, é um sistema aberto, segundo Nunes (2006), e por esse motivo, possibilita a entrada e a transformação de itens lexicais no sistema linguístico.

Nesse sentido, cabe-nos ressaltar os conceitos que permeiam a noção de que as línguas são caracterizadas por mudanças e inovações essencialmente evidentes ao nível do léxico, de acordo com Correia e Almeida (2012, p. 15). O movimento de surgimento e modificação de novos itens lexicais pode ser legitimado pela suscetibilidade do léxico (BORBA, 2006), aspecto que aliado às influências externas à língua permite que novos itens lexicais venham a aparecer ou sejam emprestados em uma língua.

A partir da necessidade de se designar as novas realidades propiciadas pela sociedade e a história se verifica o fenômeno e o estudo da neologia, que pode ser entendida, segundo Correia e Almeida (2012), como a forma de renovação do léxico a partir de novas criações ou incorporações de unidades lexicais. A neologia é muito mais antiga que o surgimento do próprio termo, segundo Alves (2001), já que o conceito segue “o desenvolvimento do acervo lexical de todas as línguas” (ALVES, 2001, p. 12). Nesse sentido, a autora afirma que na neologia a dinâmica das línguas e a liberdade dos falantes são consideradas, o que implica dizer que a interação entre léxico e os usuários das línguas é fundamental nesse processo linguístico que consiste em produzir formas e significados inéditos ao léxico, conforme afirma Ferraz (2006).

Toda palavra recente na vida social dos falantes pode ser considerada um neologismo, mas é possível considerar uma definição mais abrangente do conceito, segundo Alves (2001), que ao citar o linguista Jean-Claude Boulanger, amplia a noção de neologismo para a de uma unidade lexical de origem recente ou para um novo sentido atribuído a uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recém emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e acolhida em uma língua. Por assim dizer, portanto, um neologismo pode ser entendido como o item lexical que surge, a partir de determinado contexto, como item inédito ao léxico ou como um item que é ressignificado ou atualizado na língua.

No processo neológico, destaca-se ainda a noção de estrangeirismo, que corresponde a empréstimos ou decalques de línguas estrangeiras, que se inserem em uma língua receptora com adaptação gráficas, fonológicas e morfológicas, conforme afirma Lara (2006). Os estrangeirismos representam, portanto, um outro meio pelo qual o léxico é renovado. Prado (2015) utiliza-se de estudos na área para definir os estrangeirismos como os empréstimos de palavras que não estão integradas na língua nacional e se caracterizam como estrangeiras no que diz respeito aos fonemas, à flexão e até à grafia, ou ainda os vocábulos nacionais utilizados com a significação dos estrangeiros de maneira análoga.

Os estrangeirismos passam a compor o léxico de uma língua diferente mantendo seu caráter estrangeiro e possuem o objetivo de trazer novas formas de se expressar, sendo, segundo Correia e Almeida (2012), fatores presentes e importantes do léxico, assim como os empréstimos, que também são advindos de outras línguas e se adaptam e se consolidam ao léxico da língua em que foram inseridos. Steinberg (2003) aponta que esses itens são “tomados de outras línguas com as quais a sociedade entrou em contato” (STEINBERG, 2003, p. 20), podendo acarretar mudanças fonológicas e gráficas de uma língua para outra.

A renovação do léxico por meio de neologismos e estrangeirismos é condicionada pelo contato entre sociedades de línguas e culturas diferentes, de acordo com Prado (2015). Tanto os neologismos como os estrangeirismos estão fortemente atrelados às manifestações do mundo externo e às mais diversas áreas de conhecimento. Desse modo, o léxico passa a refletir a maneira como uma determinada língua assimila as alterações da sociedade em que se insere, alterações essas que podem resultar em processos de inovação lexical.

Os diversos processos da língua que renovam o léxico, por meio da construção de novas palavras, da resignificação de palavras existentes ou do empréstimo de palavras de outras línguas, perpassam regras e mecanismos que os viabilizam, segundo Correia e Almeida (2012). Os processos que promovem a renovação e criação lexical possuem diversas classificações, tais como derivação, composição, criação de amálgamas, trunicações e abreviações, criação de siglas e acrônimos, lexicalização, extensão semântica, importação de palavras, criação de palavras *ex-nihilo* e onomatopeias, conforme denominam Correia e Almeida (2012), autoras que embasam a discussão dos conceitos aqui apresentados.

Novas palavras podem surgir a partir de recursos da própria língua portuguesa, como os neologismos por derivação, que tem como característica um processo de formação de palavras a partir de outra pré-existente, em que um radical derivacional, ou base, se transforma ou se une com um afixo derivacional. O processo de derivação pode ser destacado pela derivação não afixal, imprópria ou regressiva, assim como pela derivação afixal, por sufixação, prefixação ou parassíntese. Na derivação não afixal, processo morfológico de formação de palavras que consiste na criação de nomes, não há modificação por afixos derivacionais, o que ocorre é que um radical de base com uma determinada categoria morfossintática altera sua categoria, com mudança equivalente de significado e padrão flexional. Uma alteração da classe gramatical de palavras ocorre na derivação imprópria como, por exemplo, quando um substantivo é adjetivado. Já a derivação regressiva se dá quando um segmento da base da palavra é retirado, principalmente em casos em que a base é um verbo, que é reduzido e transformado em nome. Ainda no que se refere ao processo de derivação não afixal, destaca-se a criação novos itens lexicais, em que radicais nominais se transformam em radicais verbais. Por último, na derivação afixal um derivado é obtido da junção de um afixo a um radical, podendo haver o acréscimo de um sufixo ou prefixo e, no caso de derivação parassintética, há uma adição simultânea de prefixo e sufixo para a construção de um derivado.

Outro importante processo para a construção de novas palavras é o de composição, que pode ser assinalado entre composição morfológica e composição morfossintática, segundo Correia e Almeida (2012). A composição morfológica, muito comum nas linguagens de especialidade por ser um tipo de composição das terminologias, se dá a partir da união de unidades infralexicaís de significado lexical, unidades não autônomas, que equivalem a raízes gregas e latinas adaptadas ao sistema fonológico da língua portuguesa e são tratadas como recomposições, que se referem a compostos que trazem uma estrutura mais complexa. Por outro lado, quando uma nova palavra é composta por um nome e um verbo, ou dois nomes, por exemplo, em que o da direita atua como um modificador daquele à esquerda que funciona como o núcleo, tem-se uma composição morfossintática.

Ao considerarmos os processos deformacionais de construção de palavras, é possível haver um neologismo a partir de uma amálgama, caracterizada como uma adulteração da integridade morfológica dos radicais envolvidos em sua construção, de acordo com Correia e Almeida (2012). Uma amálgama, ou *blend*, consiste em uma unidade lexical formada por partes de outras unidades, como, por exemplo, o item lexical “portunhol” (português+espanhol). Pode-se ainda se obter um neologismo a partir de uma truncação ou abreviação vocabular, que consiste na redução de um item lexical, como a redução da palavra metropolitano para “metrô”, por exemplo, versão mais utilizada. A lexicalização também se classifica como um processo para construção de novos itens lexicais e é entendida como o processo de transformação de outras unidades, como as denominadas sintáticas, morfológicas e discursivas.

Além da construção de novas palavras, o léxico pode ser renovado pela ressignificação de palavras já existentes. Para Correia e Almeida (2012), na extensão semântica, itens lexicais adquirem novos significados e se tornam polissêmicos, seja de forma sistemática e comum ao sistema linguístico ou de forma pontual, de maneira que se atrelem modos de conceitualização da realidade extralinguística, resultante de fatores principalmente cognitivos.

A importação de palavras é outro importante processo para inovação do léxico e se caracteriza pelo empréstimo de palavras de outras línguas, segundo Correia e Almeida (2012). O léxico, além de se renovar por meio de neologismos, a partir da cunhagem de novos itens lexicais, também pode se renovar por meio de empréstimos de outras línguas.

Vários desses processos de inovação lexical podem ser observados nos textos jornalísticos, em uma difusão do léxico que acompanha o rápido desenvolvimento da publicação de notícias, considerando-se que o contexto de crise sanitária global, ocasionado pela COVID-19, evidenciou uma grande quantidade de informação sendo rapidamente difundida e gerando uma intensa movimentação do léxico. A propagação do léxico está diretamente ligada aos meios pelas quais comunicação e escrita são veiculadas, como os livros, os jornais, as revistas e, atualmente, em espaços virtuais na internet. O avanço tecnológico, ao viabilizar o léxico e a comunicação de massa, contribui para “a difusão, disseminação e conseqüente homogeneização parcial da cultura nacional”,

segundo Borba (2006, p. 95). O autor associa a difusão da mídia jornalística com a ampliação e difusão do léxico, uma vez que é nesse contexto que as palavras mais circulam, por conta da multiplicidade temática e da diversidade de indivíduos atuando nos textos.

A influência dos veículos de informação no léxico é sempre atual e amplia-se ainda mais com as mídias e a fácil circulação de informação via internet. A criação de um signo com um dado recente à informação está relacionada à noção do que é novo e de notícia, de acordo com Carvalho (2000), o que pode explicar sua frequência nos meios de informação. Com a expansão e interpenetração da mídia jornalística, há uma “porta de entrada de estrangeirismos e fonte inesgotável de neologismos”, segundo Borba (2006, p. 92). Além disso, segundo o autor, os movimentos de entrada de unidades e sua possível permanência no léxico seguem o curso dos eventos e seus desdobramentos noticiados pelos jornais, cuja duração e expansão possibilitam a formação de palavras que caracterizam um evento, e podem ser palavras-chave para a interpretação de modos de pensar e agir da comunidade em um período. É nos veículos midiáticos como um todo, onde a cultura é evidenciada, que determinado léxico entra em circulação e ganha destaque entre os falantes da língua.

4 Metodologia

Este é um estudo de natureza qualitativa e descritiva, de cunho bibliográfico e exploratório (ZANELLA, 2013), que busca analisar o léxico relacionado ao contexto da pandemia de COVID-19, em textos jornalísticos e mídias sociais. A partir dos pressupostos que embasam esta pesquisa, procedeu-se a uma classificação de itens lexicais, tendo por objetivo caracterizá-los e observar sua utilização em excertos de textos em português e inglês. Como objetivo específico buscamos compreender como os neologismos estudados expressam a intenção comunicativa e quais processos de inovação lexical apresentam.

A seleção dos itens que compõem este estudo foi feita a partir de critérios tradicionais para a identificação de neologismos, com base em Rey (1976) e Alves

(2001). Os critérios funcionam como parâmetros para se detectar novas unidades lexicais, sendo considerados neologismos, segundo Rey (1976), os elementos que atendem ao (i) critério temporal, em que o surgimento da unidade lexical é de um período recente; (ii) critério psicolinguístico, em que a intuição dos falantes possibilita a percepção da unidade lexical como nova; e (iii) critério lexicográfico, em que a unidade lexical não está registrada nos dicionários de língua geral. Os processos de identificação de neologismos devem apresentar um corpus de exclusão que, de acordo com Alves (2001), se constitui em um conjunto de dicionários que auxilia no estabelecimento do caráter neológico de um termo.

Primeiramente, consideramos os textos que eram veiculados sobre a pandemia em jornais de veiculação mundial, como *The Guardian*, *The New York Times* e *The Washington Post*, para os itens em língua inglesa, e Notícias O Globo, Notícias G1, Notícias Veja, Notícia Isto É e A Folha de S. Paulo para os itens em língua portuguesa, seguindo o critério temporal proposto por Rey (1976). A partir da leitura das notícias e textos publicados, procedemos à coleta manual de itens lexicais relacionados à pandemia percebidos como novos, seguindo o critério psicolinguístico.

Foram selecionados 30 itens lexicais: *coronababies*, *covidivoces*, *covididiots*, *covideo party*, *virtual happy hour*, *quarantine and chill*, *anti-mask*, *fully vaxed*, *coronaphobia*, *flatten the curve*, *stay-at-home*, *in-person*, *flurona/fluorona*, *home office*, *lockdown*, *quaranteens*, *anti-lockdowners*, *social distancing*, *zoombombing*, “isolamento social”, “vachina”, “teletrabalho”, “modalidade híbrida”, “ensino híbrido”, “videoconferência”, “distanciamento social”, “mascne”, “covidiota”, “flurona/fluorona” e “pós-pandemia”. Desses itens, precedeu-se a um recorte, para uma análise mais precisa e pontual, que correspondeu à escolha de quatro itens lexicais para a discussão, a saber: *lockdown*, *home office*, “teletrabalho” e “covidiota”.

Em seguida, como critério lexicográfico e de acordo com Rey (1976), consultamos a existência dos itens nos dicionários Houaiss, Caldas Aulete, Dicio e Dicionário Cambridge, além de procedermos à consulta no sistema de busca da

Academia Brasileira de Letras, o VOLP¹, a fim de se confirmar que os itens correspondem a neologismos e para a constituição do *corpus* de exclusão (ALVES, 2001; CORREIA; ALMEIDA, 2012). Como último critério, foi priorizada a ocorrência dos itens em língua inglesa e língua portuguesa, nos textos jornalísticos e de mídia social selecionados.

5 Análise de dados

Com base no referencial teórico e metodológico discutido nas seções anteriores, apresentamos a análise desenvolvida. Para os objetivos deste estudo, ressalta-se que nos referiremos indistintamente aos neologismos como item lexical, unidade lexical, lexia ou palavra, conforme os pressupostos utilizados.

Os quatro itens lexicais designados para a análise são apresentados a seguir. Com exceção dos dois neologismos em língua portuguesa, “teletrabalho” e “covidiota”, os itens *lockdown*, *home office* estavam presentes tanto nos excertos em língua inglesa como em língua portuguesa.

A primeira unidade lexical que compõe esta análise é o neologismo “covidiota”. A partir de uma busca nos principais dicionários monolíngues de língua portuguesa disponíveis online, como Houaiss e Aulete, assim como a consulta no sistema do VOLP, observou-se que não há a ocorrência do item “covidiota”, o que aponta o caráter neológico da lexia. A partir da leitura dos textos em que este item ocorre, fica evidente que sua origem se dá no contexto da pandemia, já que é utilizado para caracterizar o indivíduo que negligencia o vírus da COVID-19 e age de maneira a colocar em risco a saúde de outros.

Segundo os conceitos discutidos por Correia e Almeida (2012), é possível identificar dois possíveis processos de inovação lexical, composição morfossintática ou *blend*, no surgimento de “covidiota”. Para a distinção e devida classificação do neologismo, torna-se necessário analisar os componentes que o constituem morfologicamente. Em uma busca no dicionário de língua portuguesa

¹ Sistema de pesquisa do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

online Dicio, o item lexical “COVID-19”², da sigla para *coronavirus disease* e primeiro constituinte da lexia, é classificado como um substantivo feminino. Já o segundo constituinte, “idiota”³, de acordo com dicionários como o Aulete, é classificado tanto como adjetivo quanto substantivo. Nesse contexto, o neologismo “covidiotas” pode ser considerado uma lexia relacionada a características pejorativas, em função do constituinte “idiota”. Assim, para além de uma composição morfossintática, a lexia parece resultar de uma união fonológica dos itens “covid” e “idiota”, formando, assim, uma mistura ou, como denominam Correia e Almeida (2012), um *blend*, sendo possível, portanto, classificar “covidiotas” como uma amálgama, no processo neológico.

Do mesmo modo, o neologismo em sua versão em língua inglesa, *covidiot*, considerado também um *blend* entre os itens *covid* e *idiot*⁴, conforme registrado no dicionário Oxford Languages (2020), pode conferir à lexia “covidiotas” a caracterização de neologismo por decalque, em um processo de tradução que considera a forma fônica da lexia. A utilização do neologismo, em inglês e em português, pode ser observada em alguns trechos de notícias referentes à pandemia em jornais de grande circulação, como mostra o quadro 1:

Quadro 1 - neologismos “Covidiota” / *Covidiot*

Amálgama ou <i>blend</i>	Ocorrências em textos jornalísticos
Covidiota	<p>“A polícia apresentou uma queixa contra o organizador por não garantir que os manifestantes usassem máscaras e mantivessem distância. Os principais políticos criticaram os manifestantes. A colíder social-democrata Saskia Esken os chamou de ‘covidiotas’” (CNN Brasil, 2020. Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/covid-19/).</p> <p>“Outras palavras relacionadas à pandemia, como covidiota e coronaplauso, ficaram de fora da sexta edição</p>

² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/covid-19/>

³ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/idiota>

⁴ No original: “a blend of Covid and idiot, typically referring to a person who disobeys guidelines designed to prevent the spread of Covid-19” (OXFORD LANGUAGES, 2020, p. 8)

	do glossário da Academia Brasileira de Letras” (O Globo, 2021. Disponível em https://oglobo.globo.com.br/cultura)
Covidiot	“The 2020 report does highlight some zippy new coinages, like ‘Blursday’ (which captures the way the week blends together), ‘ covidiots ’ (you know who you are) and ‘doomscrolling’ (who, me?)” (New York Times, 2020. Disponível em https://www.nytimes.com/2020/arts/oxford-word-of-the-year-coronavirus).
	“A flight from the Greek island of Zante was ‘full of selfish ‘ covidiots ’ and an inept crew’, according to a passenger among the almost 200 onboard who have been told to self-isolate after a coronavirus outbreak” (The Guardian, 2020. Disponível em https://www.theguardian.com/world/2020/covidiots)

Fonte: elaboração própria. (Grifos nossos)

Observa-se nos trechos analisados que os neologismos são utilizados nos textos considerados para a análise dos itens e, assim, parecem incorporados tanto ao léxico de língua portuguesa como de língua inglesa. No entanto, ainda há marcação gráfica do caráter neológico da unidade nos excertos analisados, como pode ser observado pela presença de aspas na escrita dos textos jornalísticos.

Cumprе ressaltar que “covidiota”, por apresentar um efeito pejorativo e até jocoso, uma característica comum em formações de palavras como esta, aparece em seções de jornais principalmente como uma citação textual ou ocorre em notícias referentes ao universo linguístico. O jornal Folha de S. Paulo, por exemplo, apresenta apenas uma notícia⁵ em que a palavra ocorre. Originalmente do jornal The New York Times, a matéria aborda a questão das mudanças linguísticas, se referindo ao Oxford Languages, antes dicionário tradicional e atualmente um provedor de conteúdo linguístico.

A segunda lexia do *corpus* deste artigo é *lockdown* que, a partir do critério lexicográfico dentre os dicionários de língua portuguesa utilizados neste estudo, constatou-se a presença da unidade apenas no VOLP, que apresenta o neologismo

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/a-palavra-que-marcou-2020-para-o-dicionario-oxford-e-bem-dificil-isolar.shtml>

como uma palavra estrangeira. Além disso, esse sistema de busca da Academia Brasileira de Letras também aponta a novidade da lexia ao incluí-la em sua seção Novas Palavras. Já no Cambridge, dicionário monolíngue de língua inglesa adotado para esta pesquisa, a lexia *lockdown*⁶ é definida como “uma situação emergencial na qual as pessoas não podem ter liberdade de entrar ou sair lugares, nem de circular em diversas áreas devido a algum perigo. Um período de tempo em que as pessoas não podem sair de suas casas ou viajar livremente devido à uma doença perigosa”⁷ (LOCKDOWN, 2022). Infere-se, então, que o item *lockdown* foi possivelmente introduzido na língua portuguesa em função da pandemia de COVID-19 e pode ser considerado um neologismo, não estando dissociado das mudanças sociais enfrentadas nesse período.

A unidade é inserida no léxico em português a partir de um processo de importação, ou seja, por meio de um empréstimo externo da língua inglesa, segundo Correia e Almeida (2012), podendo ser considerada ainda um estrangeirismo na língua portuguesa, no processo de criação de novas palavras. O quadro que segue apresenta ocorrências deste item em trechos retirados de textos jornalísticos em português brasileiro:

Quadro 2 - neologismo/estrangeirismo “Lockdown”

Neologismo / Estrangeirismo	Ocorrência em texto jornalístico
Lockdown	<p>“Município de MT cogita lockdown após colapso na saúde e somente um leito de UTI disponível para Covid-19” (G1, 2021)</p> <p>“A situação está se agravando e estamos há 10 dias sem receber nenhuma dose da vacina. Se continuar assim teremos que fazer um lockdown. Será inevitável”, relata o prefeito de Rondonópolis José Carlos do Pátio” (G1, 2021. Disponível em https://g1.globo.com/mt/noticia/2021)</p>

⁶ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/lockdown>

⁷ No original: “an emergency situation in which people are not allowed to freely enter, leave, or move around in a building or area because of danger. A period of time in which people are not allowed to leave their homes or travel freely, because of a dangerous disease.”

	<p>“Prefeitos da região de Tupã se reúnem e adotam 'lockdown' de quatro dias a partir do feriado” (G1, 2021)</p> <p>“Prefeitos da região de Tupã (SP) se reuniram e decidiram adotar uma espécie de "lockdown" de quatro dias a partir do feriado da próxima quinta-feira (3) para conter o avanço da pandemia de coronavírus” (G1, 2021. Disponível em https://g1.globo.com/sp/noticia/2021)</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaboração própria. (Grifos nossos).

A partir desses excertos, observa-se que a unidade é tratada como palavra estrangeira, como é possível observar devido ao uso de aspas simples e duplas, na segunda ocorrência apresentada no quadro, por exemplo. Classifica-se *lockdown* como um estrangeirismo, uma vez que a unidade é importada da língua inglesa e utilizada na língua portuguesa, principalmente a partir do período de pandemia.

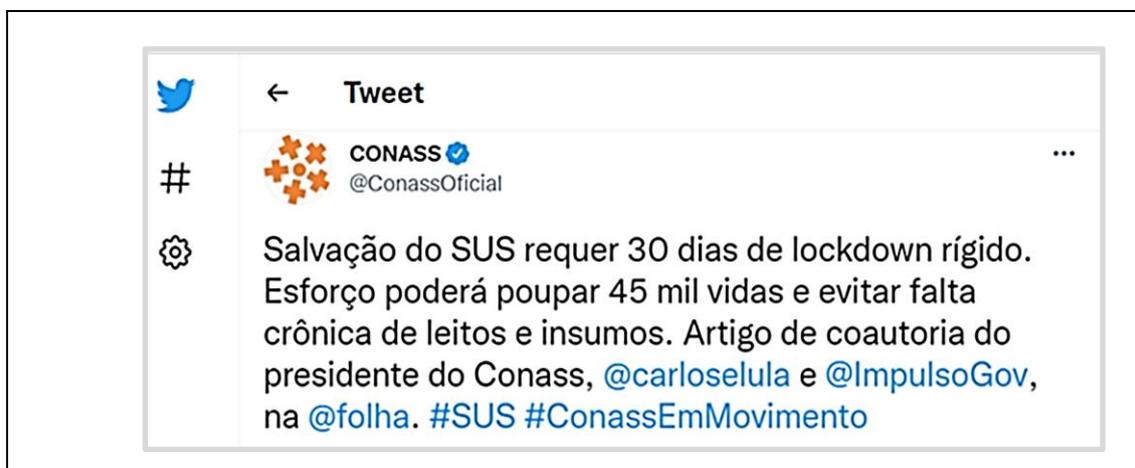
Ainda que pareça não haver adaptações à palavra, há de se considerar que no sistema linguístico do inglês, *lockdown* não apresenta indicação de gênero gramatical, uma característica da língua inglesa. No entanto, ao adentrar o sistema da língua portuguesa, a palavra é adaptada a partir do momento em que o gênero gramatical masculino é atribuído ao se dizer "o *lockdown*" ou "um *lockdown*", como observamos no segundo excerto. Além disso, cabe argumentar sobre as adaptações fonológicas que a palavra pode ter sofrido, considerando a língua em uso.

É possível afirmar que palavra fica também sujeita a um processo de nativização, que tende a adequar a pronúncia das palavras estrangeiras à estrutura fonológica da língua de chegada, o que permite o surgimento de itens como "lokidau" e "loquidau" em textos, principalmente de páginas nas redes sociais, conforme ilustrado mais adiante na Figura 3. Além disso, uma epêntese vocálica pode ocorrer com a lexia, visto ser comum a pronúncia da palavra como lock[i]down, assim como a pronúncia do -n final nasalizado, e não como alveolar como deve ser em inglês. Essas adaptações fonológicas não são visíveis ao texto escrito dos excertos analisados, mas podem também legitimar a utilização do neologismo por empréstimo.

Vale ressaltar, assim, que as características ortográficas do sistema linguístico original são mantidas por vezes, o que não nos impede de verificar o

item lexical *lockdown* utilizado no texto escrito com alterações, com características fonológicas adaptadas por falantes de português. Esse fenômeno pode ser observado, por exemplo, em trechos retirados de redes sociais, como Facebook e Twitter, em que há um volume considerável de circulação de estrangeirismos entre os usuários das redes no português do Brasil. As figuras a seguir ilustram a ocorrência da unidade *lockdown* em textos nas duas redes sociais. As Figuras 1 e 2 apresentam exemplos de ocorrência em língua portuguesa em textos do Twitter e Facebook, respectivamente, e a Figura 3 ilustra um exemplo de adaptação em língua portuguesa em um texto do Facebook.

Figura 1 - exemplo de ocorrência em língua portuguesa em texto do Twitter



Fonte: Twitter.

A Figura 1 apresenta uma ocorrência da lexia *lockdown*, na rede social Twitter, como um estrangeirismo, revelando um processo de importação, caracterizando o item como um neologismo por empréstimo (CORREIA; ALMEIDA, 2012), uma palavra estrangeira que passou a ser adotada por falantes da língua portuguesa. O mesmo ocorre nos exemplos extraídos da rede social Facebook. Na Figura 2, a utilização do item estrangeiro e na Figura 3, a lexia nativizada:

Figura 2 - exemplo de ocorrência em língua portuguesa em texto do Facebook



Fonte: Facebook (adaptado).

Figura 3 - exemplo de adaptação em língua portuguesa em texto do Facebook



Fonte: Facebook (adaptado).

Observamos, por fim, que o uso da unidade *lockdown* nas redes sociais não parece seguir uma padronização gráfica de uso de estrangeirismos, não sendo marcado por itálico, aspas ou qualquer outra sinalização que o diferencie do léxico de língua portuguesa. O que nos leva a inferir que os falantes compreendem o neologismo por empréstimo. É a partir dessa utilização e absorção do item por parte dos falantes, como vemos nas redes sociais, que pode se deprender a utilização, incorporação e possível enraizamento da lexia *lockdown* na língua portuguesa.

Na nova realidade imposta pela pandemia de COVID-19, em que muitas funções básicas passaram a ser realizadas na modalidade online, devido às

medidas de segurança como o fenômeno do *lockdown* mencionado na lexia analisada anteriormente, surge a necessidade em que a população mundial se depara com a incapacidade de deslocamento, até mesmo para trabalhar. Assim, parte da sociedade passou a exercer funções de trabalho em modo remoto e virtual, cada indivíduo em sua casa, ainda que segundo o levantamento do DIEESE⁸, com base em dados da Pnad⁹, negros e os pouco escolarizados corresponderam à minoria a usufruir dessa prerrogativa. Mas cumpre ressaltar que houve a necessidade de se nomear a atividade laboral exercida fora do ambiente de trabalho, o que resultou no surgimento da palavra “teletrabalho”, próxima unidade discutida neste artigo. De acordo com o critério lexicográfico de exclusão, verificamos que o item não consta nos dicionários monolíngues de língua portuguesa utilizados no estudo, indicando a criação do neologismo.

Buscamos analisar os constituintes morfológicos do neologismo “teletrabalho” para, assim, compreender os processos de inovação lexical que resultaram em sua criação. Observa-se, primeiramente, a partir do segundo elemento “trabalho”, um radical derivacional, que assinala o significado lexical do item. É possível identificar a presença do prefixo tele- que aponta o caráter à distância desta nova modalidade de trabalho. Ainda que reconheçamos as discussões acerca do neo-prefixo, assim denominado por Ferreira (2011), como Bechara (2004) que não evidencia se o considera um prefixo ou elemento grego, como Rocha Lima (2008) que o classifica como radical e como Cunha e Cintra (2008) que não o determinam nem como prefixo nem como radical, ressaltamos que neste estudo, tele- é entendido como prefixo, com significado de distância ou afastamento.

Desse modo, considerando-se a junção de um prefixo a um radical ou base, o neologismo “teletrabalho” pode, portanto, ser classificado, segundo as definições de Correia e Almeida (2012), como um derivado prefixal. O quadro a seguir apresenta alguns exemplos de como “teletrabalho” foi veiculado por mídias jornalísticas em textos em língua portuguesa do Brasil:

⁸ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Mais informações disponíveis em: <https://www.dieese.org.br/>

⁹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Mais informações disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html>

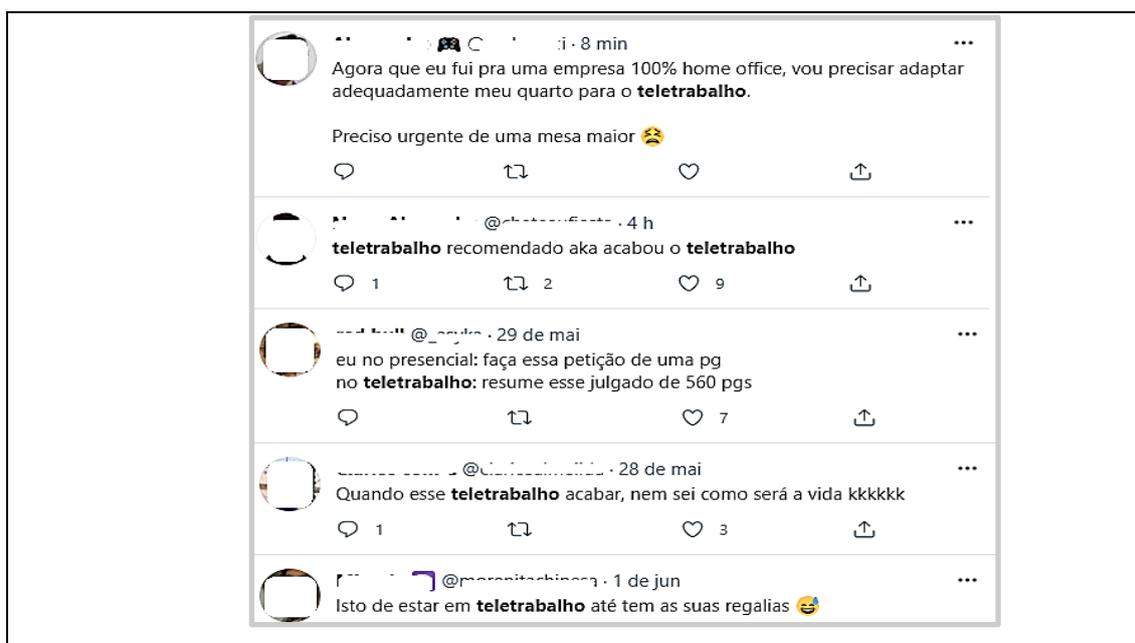
Quadro 3 - item lexical “Teletrabalho”

Derivação prefixal	Ocorrência em texto jornalístico
Teletrabalho	“A categoria organizou atos virtuais nesta segunda-feira (31) para pedir pela permanência do teletrabalho e para manter os alunos em casa” (G1, 2021. Disponível em https://g1/globo.com/noticia/2021).
	“Foi mantida também a recomendação para trabalhadores de atividades administrativas continuar realizando o teletrabalho e escalonamento do horário de entrada e saída de atividades de comércio, serviços e indústria” (A Folha de São Paulo, 2021. Disponível em https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021).

Fonte: elaboração própria (grifos nossos).

Nos trechos analisados, observa-se que o neologismo é utilizado e difundido no âmbito jornalístico e, por consequência no léxico, com significação própria ao contexto em que a palavra foi criada, isto é, rapidamente passou a compor o sistema da língua portuguesa por conta da emergente necessidade de se nomear a nova modalidade de trabalho, amplamente discutida e mencionada nas mídias. Assim, a partir de exemplos retirados das redes sociais, percebe-se o que parece uma rápida absorção do neologismo “teletrabalho” pelos falantes de língua portuguesa, conforme pode ser observado na próxima figura, que ilustra a utilização do novo item lexical para a descrição cotidiana de realidades próprias:

Figura 4 - exemplo de ocorrência em língua portuguesa em texto de rede social



Fonte: Twitter (adaptado).

A discussão aqui apresentada é de cunho linguístico, mas cumpre mencionar que a análise de uma unidade neológica como “teletrabalho” pode perpassar questões sociais envolvidas quando do enfrentamento da pandemia, como o aumento do desemprego, da desigualdade e da pobreza, não as excluindo. Ressaltamos, portanto, que neste estudo, o foco incide sobre os itens lexicais relacionados à pandemia e seus processos neológicos a partir da ocorrência e utilização das unidades em textos jornalísticos e mídias sociais.

Ainda nesse contexto, surge outra forma para expressar e nomear, em língua portuguesa, a nova modalidade de trabalho em modo remoto e virtual, que é o item lexical “*home office*”. Seguindo o critério lexicográfico, observa-se que a expressão não consta nos dicionários monolíngues de língua portuguesa Houaiss e Aulete, mas foi recentemente inserida na seção Novas Palavras do VOLP e classificada como palavra estrangeira e substantivo masculino.

Observa-se, logo, a origem estrangeira da lexia, uma palavra importada e inserida na língua portuguesa, como um estrangeirismo ou empréstimo da língua inglesa, tratando-se, portanto, de um neologismo por empréstimo. O quadro a

seguir apresenta trechos retirados de textos jornalísticos com a ocorrência da unidade:

Quadro 5 - item lexical “*home office*”

Estrangeirismo / Empréstimo	Ocorrência em texto jornalístico
Home Office	“Para amenizar engarrafamentos, o município está recomendando o home office para quem puder trabalhar de casa e vai pedir às escolas particulares que suspendam as aulas.” (O Globo, 2022. Disponível em https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2022)
	“O advogado Antonio Carlos Aguiar, especialista em direito trabalhista, alerta que até agora o home office tem sido um quebra-galho, por conta do novo coronavírus, e que as empresas que decidirem manter o formato terão de fazer novos contratos com os funcionários.” (G1, 2021. Disponível em https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021)

Fonte: Elaboração própria (grifos nossos).

Apesar de ser possível observar a preservação de suas características ortográficas e morfológicas, como se constata nos trechos apresentados, destacamos a questão de adaptação semântica na inserção do item ao sistema linguístico do português do Brasil, com uma mudança na intenção comunicativa original em língua inglesa. No Dicionário Cambridge, a expressão *home office*¹⁰ é definida como “um cômodo ou área na casa de alguém usado para trabalho”¹¹. Assim, originalmente utilizada em inglês para descrever cômodos e espaços físicos de trabalho, ao ser inserida como um empréstimo na língua portuguesa, a unidade passa a ser utilizada para descrever o trabalho remoto e virtual.

Tal constatação pode ser vista nos seguintes exemplos, em que a mesma notícia, ao ser veiculada pela BBC, rede de notícias do Reino Unido, em sua versão em português, a BBC Brasil, se utiliza a expressão de origem inglesa *home office*,

¹⁰ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/home-office>

¹¹ No original: *a room or area in someone's home that they use to work at their job.*

de maneira diferente de *from home*, unidade utilizada na publicação em língua inglesa pela BBC News, conforme ilustramos na figura que segue:

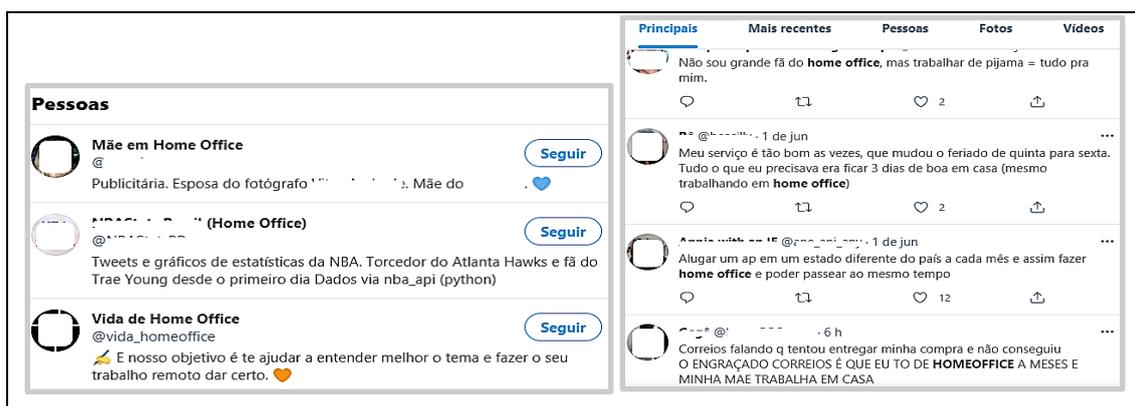
Figura 5 - exemplo de ocorrência em português e inglês em texto de rede social



Fonte: Instagram

Destacamos que, apesar de *home office* e *from home* expressarem, na língua portuguesa, semanticamente o mesmo conceito que a unidade “teletrabalho”, esses itens possuem origens e intenções comunicativas iniciais diferentes. É possível indicar que a adaptação semântica parece ser bem compreendida pelos falantes de língua portuguesa, conforme é demonstrado pela figura seguinte, com ocorrências do item *home office* em rede social:

Figura 6 - exemplo de ocorrência em língua portuguesa em texto de rede social



Fonte: Twitter (adaptado).

Observa-se, então, a adaptação da unidade *home office* ao léxico da língua portuguesa, como um neologismo por empréstimo que parece ser facilmente utilizado pelos falantes, quando esses se referem ao trabalho remoto e virtual. A unidade lexical parece se adequar às necessidades de um grupo e revela como o léxico pode se transformar de acordo com as demandas culturais, sociais e históricas vivenciadas.

6 Considerações finais

Este estudo buscou discutir a utilização do léxico relacionado ao contexto da pandemia de COVID-19 em textos em português e inglês veiculados nas mídias jornalísticas e sociais. Considerando as modificações impostas pelo período que afeta a população mundial e, conseqüentemente, o léxico, buscamos observar essas alterações principalmente no que concerne à criação de novos itens lexicais e à circulação de palavras em língua inglesa, que surgem a partir da necessidade de se indicar novas situações.

A escolha por textos jornalísticos e de mídias sociais nas duas línguas enfocadas se justifica por esses constituírem um ambiente propício para a análise de processos de criação lexical, uma vez que tal contexto favorece fenômenos neológicos, sendo também um meio de entrada de estrangeirismos na língua. A literatura que embasa a pesquisa orientou a seleção e classificação de trinta

unidades relacionadas ao contexto pandêmico, porém, para os limites deste trabalho, procedeu-se a um recorte de quatro itens lexicais, submetidos ao critério lexicográfico de exclusão, para que fosse atingido o objetivo específico de compreender os processos de inovação lexical e, em especial, como os neologismos e estrangeirismos expressam a intenção comunicativa.

A criação das unidades pelos processos de inovação lexical apresentados na discussão dos dados corrobora o fato de que a cultura e o contexto histórico influenciam e se difundem no léxico, por seu caráter de vulnerabilidade que promove a dinamicidade da língua e expõe a relação entre contextos sociais. A observação do surgimento dos neologismos e estrangeirismos evidenciou a adequação dos itens lexicais “covidiota”, *lockdown*, “teletrabalho” e *home office* ao cenário em que se inserem, tornando possível constatar que as unidades circulam e se apresentam incorporadas ao léxico, evidenciando a cultura, os valores dos falantes e, ao longo deste tempo, a expressão sobre um mundo de mudanças históricas.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, 2001.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 14. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia E Linguística Portuguesa*, (2), 81-118. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.voi2p81-118>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28 (supl.):135-144, 1984, Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, Renata Coelho; CORTINA, Arnaldo. (Org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. 1ed. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, v. 10, p. 81-96, 2006.

CARVALHO, Nelly Medeiros. A criação neológica. *Trama*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. p. 191-203, 2000.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

CORREIA, Margarita. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, André Crim; PERREIRA, Maria Teresa Gonçalves (Org.). *Língua portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola, p.223-238, 2011.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2006.

FERREIRA, Rosangela Gomes. Uma abordagem morfossemântica das formações tele-x no português brasileiro. *Linguagem: teoria, análise e aplicações (6)*, 2011. Disponível em: < http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro06/LTAA06_a04.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HOME OFFICE. In: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/home-office>>. Acesso em: 29/08/2022.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARA, Luis Fernando. El léxico, símbolo social. In: Curso De Lexicología. México, D.F.: El Colegio De Mexico, p. 213-230, 2006.

LOCKDOWN. In: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/lockdown>>. Acesso em: 16/08/2022.

NUNES, José Horta. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela (Org.) *Introdução às Ciências da Linguagem*. Campinas, Ed. Pontes, v. 1, p. 149-172, 2006.

OXFORD Languages. *Words of an Unprecedented Year report*. Oxford University Press. Oxford University. Oxford Languages Word of the Year, 2020. Acesso em: 29/08/2022.

PRADO, Natália Cristine. Estrangeirismos. In: PRADO, Natália Cristine. *O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal: questões linguísticas e culturais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 27-70, 2015.

REY, Alain. Néologisme: un pseudo-concept? *Cahiers de Lexicologie, Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie*, n. 28, p. 3-17, 1976.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

STEINBERG, Martha. *Neologismos de língua inglesa*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, p. 1-128, 2003.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. *Metodologia de pesquisa*. 2 ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.

[Artigo recebido em 31 de janeiro de 2023 e aceito em 23 de abril de 2023.]